



## Antialquimismo

Encontrar a pedra filosofal que permitisse transformar os metais vis em metais nobres e preparar o elixir da longa vida que, ingerido, permitisse a transformação do próprio Homem, decuplicando-lhe as faculdades intelectuais e espirituais, com pleno acesso ao verdadeiro conhecimento e ao segredo de se ultrapassarem os contrários para fazer do infinitamente pequeno a imagem exata do infinitamente grande e para fazer do Homem o reflexo perfeito do cosmos, foi o grande objetivo da alquimia. Arte e religião, mistura de misticismo e espiritualismo, servindo-se de uma prática que sempre usou, em grande medida, os métodos laboratoriais do labor científico, não é possível considerar a alquimia como uma ciência.

Podemos referir a origem da alquimia remetendo-a para a *Ars Magna* difundida entre Egípcios e Caldeus, que a atribuíam a Hermes Trismegisto, o três vezes grande, filósofo, príncipe e poeta, muitas vezes identificado com o deus Thot, filho de Zeus e da ninfa Maia, a quem tinham como autor da *Tábua de Esmeralda*, o texto base da alquimia islâmica e ocidental. O caráter holístico e místico do entendimento mágico-vitalista da natureza foi o arcabouço propício ao seu desenvolvimento, quer na Antiguidade, quer ao longo da Idade Média, na cultura que informou o mundo do Ocidente europeu.

A alquimia foi praticada durante muitos e muitos séculos por adeptos e por aspiradores, sendo os primeiros praticantes convictos do objetivo confessado e da eficácia das técnicas que para tanto usa-

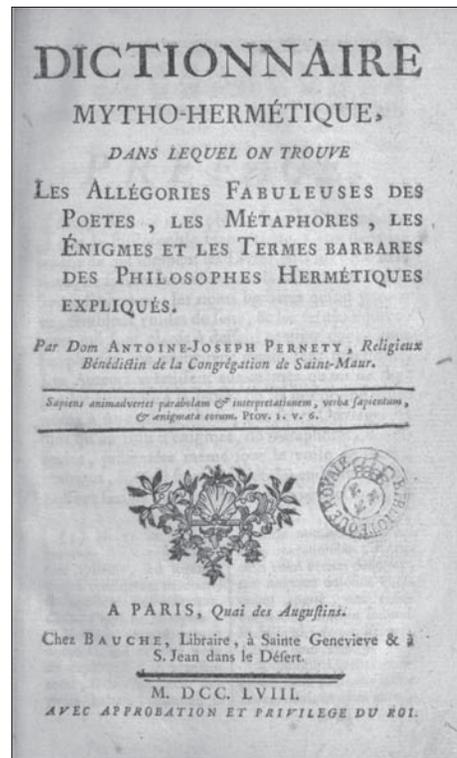
vam; e os segundos, autênticos charlatães que, ignorando, na maioria dos casos, os princípios fundamentais da *Ars Magna* que diziam praticar, punham fosse o que fosse nos seus cadinhos ou nas suas retortas e procediam às mais extravagantes experiências, impelidos pela insaciável sede do ouro e pela fama que de suas práticas lhes podia advir.

À alquimia praticada pelos adeptos na Idade Média, em particular, deve a ciência contributos muito positivos. Sem a confundir nunca com a ciência química, podemos dizer que esta tem nela um precioso precursor, sobretudo pelos métodos de análise laboratorial que desenvolveu e aperfeiçoou. E muitos foram e de grande valor os seus contributos para a química médica, possibilitando a preparação de mais e melhores medicamentos, seja no âmbito da química galénica, seja no âmbito da iatroquímica. Já nos sécs. XIII-XIV, os alquimistas Roger Bacon (c. 1214-1292/94), Arnaldo Villanova (1235-1311) e John Rupescissa (?-c. 1362), entre outros, haviam insistido na possibilidade de prolongar o tempo médio da vida humana por recurso a drogas cada vez mais aperfeiçoadas e eficazes, obtidas por meio das técnicas laboratoriais que a alquimia estava a desenvolver, nomeadamente os processos e as técnicas de destilação; e o mesmo para prolongar e manter a boa saúde e vitalidade do tempo da juventude. Para eles, a prática da alquimia podia e deveria ser usada para beneficiar a humanidade através de uma medicina cada vez mais eficaz.

No tratado *Alchimia*, que lhe é atribuído, Alberto Magno (1206-1280) descreve o perfil dos verdadeiros alquimistas como sendo homens cuja sabedoria estaria acima de toda a suspeita, modestos, sinceros e místicos. Era-lhes pedido que fossem silenciosos e discretos, abstendo-se de revelar, fosse a quem fosse, o resultado das

suas experiências. Deveriam habitar em lugares afastados, longe das multidões, reservando em suas casas três compartimentos para as operações da obra e escolhendo muito judiciosamente o tempo e as horas do seu trabalho. Havia muitas razões para que os verdadeiros alquimistas assim procedessem. Tidos por muitos como autênticos “agentes do demônio”, eles eram olhados com desconfiança pelos tribunais e por quantos se consideravam na obrigação de defender a ortodoxia da fé e dos costumes. Mais: votados à obtenção do ouro puro a partir de metais vis, arriscavam-se a ser vítimas indefesas de príncipes e pretensos protetores, muito menos interessados em promover a ciência do que em usufruir e atulhar os seus cofres, dominados por uma insaciável sede dum ouro fácil e maravilhoso que alimentasse a sua fama e riqueza. Por isso se compreende que os alquimistas propriamente ditos, os verdadeiros adeptos da arte da transformação dos metais vis em ouro e da procura do elixir da longa vida, sempre se tenham tentado manter no máximo anonimato, não só trabalhando em lugares o mais recônditos possível, como também escondendo cuidadosamente os seus pensamentos debaixo de símbolos e metáforas, que conferiam aos seus escritos um aspeto misterioso, quais oráculos de interpretação múltipla.

Com o progressivo abandono da visão mágico-vitalista do Universo, cedendo lugar, a par e passo, a uma visão mecanicista, em que o Universo é visto como uma grande máquina inanimada, explicável pelo racionalismo pragmático, com o conhecimento científico da natureza cada vez mais dominado pelo empirismo racional de que se tornaria expoente máximo o *Novum Organum* de Francis Bacon (1561-1626), a prática da alquimia e a filosofia em que assentava pareciam votadas ao desaparecimento. Não foi o



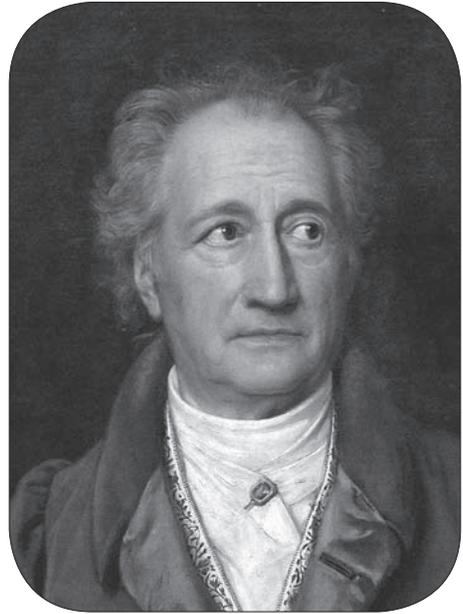
Rosto de *Dictionnaire Mytho-Hermétique*, de Antoine J. Pernety.

que aconteceu. Em atitude de denodada autodefesa, ao sentir as ameaças ao dogmatismo da visão mágico-vitalista de que se alimentava, a atividade alquimista recrudescceu fortemente nos sécs. xv e xvi. As obras de Marsilio Ficino (1433-1499), G. Pico della Mirandola (1463-1494), H. Cornelius Agrippa (1486-1535), G. della Porta (1535?-1615) e Paracelso (1493-1541), bem como as coleções de velhos tratados alquímicos, são disso prova bastante, em renhida luta de sobrevivência a que um deficiente extremar das atividades científica, mística e mágica proporcionaria grande resistência ao longo dos sécs. xvii e xviii. As questões da *Ars Magna* suscitaram redobrada atenção com a impressão da extensa *Bibliotheca Chémica Curiosa*, em 1702, em Genebra,



por Jean Jacques Manget (1652-1742), e do *Museum Hermeticum*, em Frankfurt, em 1678; do princípio do séc. XVIII até 1775, os escritos alquímicos de Basílio Valentin (1394-?) tiveram cinco edições; e em 1758, o abade beneditino Antoine J. Pernetty (1716-1796) publicava, em Paris, o *Dictionnaire Mytho-Hermétique*. Mas era por demais evidente que, com o novo espírito científico decorrente do empirismo racionalista, dominado por uma filosofia mecanicista, crescia, dia a dia, uma atitude antialquímia. Preocupados cada vez mais em conhecer a natureza quantitativa e mecanicamente, os filósofos naturais passaram assumidamente a deixar de fora a sacralidade da matéria.

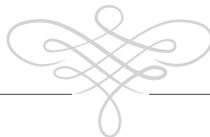
As práticas laboratoriais dos alquimistas e muita da aparelhagem que usavam continuaram a ser tidas como contributos dignos de serem considerados muito válidos, o que levaria John Read a agradecer a alquimia como um prelúdio para a química. Todavia, a alquimia, no seu conteúdo místico-filosófico e tal como era praticada pelos chamados assopradores, tornou-se cada vez mais objeto de uma forte atitude de rejeição, desprezo e reprovação, em assumidas tomadas de posição de antialquimismo. Generalizaram-se atitudes que já não eram novas, mas que até então se restringiam a círculos relativamente pequenos. À imagem negativa da alquimia criada pelos maus feitos cometidos em nome dela pelos assopradores, juntaram-se com especial relevo e destaque as posições de vários mestres tidos como os grandes defensores e fazedores de opinião nas grandes instituições de ensino, em particular as maiores universidades, que consideravam que estava em oposição frontal à filosofia de Aristóteles, ao defender a possibilidade de transformar uns metais noutros, pois não era possível transmutar umas espécies noutras: o ouro artificial nunca poderia ser ouro verda-



Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

deiro. Estes mestres também a tinham como em oposição frontal à doutrina teológica dominante da Igreja, que nela via um pacto com o Diabo.

Recorde-se aqui o *Fausto* de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832): embora relativamente tardio ao período áureo da alquimia, nele se conta a história de um doutor Fausto do séc. XVI que, evocando os espíritos, negocia com Mefistófeles, o demónio, assinando com ele um contrato selado com o seu próprio sangue, nos termos do qual, em troca da sua alma, o serviria durante todo um longo período em que ele lhe assegurasse viver sem envelhecer. Sabemos o que aconteceu: entregue aos prazeres durante todo esse tempo, no fim não se conseguiu libertar do pacto feito e foi levado para o Inferno. Lembre-se de igual modo a posição clara de S. Tomás de Aquino (1225-1274), o teólogo que tentou conciliar as pretensas contradições dos filósofos gregos com a dogmática da Igreja cristã. Ele



rejeitava a alquimia, considerando-a derivar fundamentalmente de práticas diabólicas. Sem refutar a possibilidade e as virtudes da pedra filosofal e do elixir da longa vida, consta que, tendo herdado a pedra filosofal confeccionada por seu mestre Alberto Magno, logo que este morreu, ele próprio a destruiu, desaprovando com veemência todo o tipo de experiências alquímicas que se dizia haviam sido realizadas por Alberto Magno. E lembrese também o queixume de uma alma da *Divina Comédia* de Dante Alighieri (1265-1321) que, no oitavo círculo do Inferno, o círculo dos alquimistas, se lamentava de que “foi meu crime a alquimia traiçoeira” (XXVII, 120).

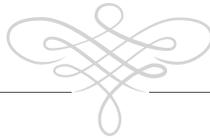
Mestre muito respeitado por papas, imperadores, príncipes e prelados, o Jesuíta alemão Atanásio Kircher (1602-1680), no seu tratado *Mundo Subterrâneo* (1664), não negando embora a possibilidade da pedra filosofal, impugnou com todos os argumentos possíveis o que era considerado o grande mistério da *Ars Magna*.

**Ilustração de Eugène Delacroix (1798-1863) para *Fausto*, de Johann Wolfgang von Goethe.**



Outro tanto fez Benito Jerónimo Feijoo (1676-1764), tido como um dos maiores filósofos e ensaístas do seu tempo, no seu *Theatro Critico Universal* (1726). Não teve grande repercussão no meio dos adeptos e demais cultores da alquimia o tratado alquímico *Enneæ ou Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal* (1732-33) da autoria do português Anselmo Caetano Munhós de Abreu, que refutava os argumentos avançados por estes dois “Reverendíssimos Padres” contra a *Ars Magna*.

Não se pode igualmente deixar de referir o caso de James Price (1752-1783), químico inglês da Real Sociedade de Londres. Em 1782, vários relatos tornados públicos davam conta de que ele teria solidificado uma certa porção de mercúrio e, logo de seguida, a teria transmutado em ouro, operação que afirmava ter realizado por duas vezes, na presença de várias testemunhas, e prontificando-se para que os equipamentos que usara para o efeito fossem examinados pelo seu público, que incluía três membros da Câmara de Lordes, quatro altos dignitários da Igreja e dois mestres refinadores. Price quebrou o cadinho em que efetuara a operação na sua presença, e dentro dele havia de facto uma pepita de ouro puro, confirmada pelos testes dos refinadores. Intrigados com tais relatos, vários membros da Real Sociedade decidiram pedir-lhe que lhes apresentasse algumas amostras do ouro e da prata produzidos, bem como dos pós transmutadores. O químico alegou ter gastado todas as reservas do pó na experiência que fizera, e declarou que estava demasiadamente exausto para realizar novamente qualquer tipo de trabalho alquímico. Joseph Banks, que presidia à Real Sociedade, insistiu, ameaçando expulsá-lo da Sociedade caso ele, no prazo de um ano, não apresentasse as provas que lhe haviam sido pedidas. James prometeu que o faria na primavera



Capa de *Ennoea*,  
de Anselmo de Abreu.

do ano seguinte, oferecendo-se para ir a Londres e aí se reunir com os membros da Sociedade para com eles discutir o assunto. Porém, quando o dia marcado para o efeito chegou, James permaneceu trancado no seu laboratório a escrever o seu testamento, após o que ingeriu uma dose letal de cianeto de hidrogénio que ele mesmo havia preparado, e morreu. O acontecido redundou em crescente descrença na alquimia por quantos se viram envolvidos na situação.

A forte influência da Igreja contribuiu também decisivamente para o crescer do antialquimismo. Para proteger os seus fiéis dos embusteiros e na tentativa de evitar a disseminação de práticas e doutrinas que tinha como não ortodoxas e de as extirpar do seu seio, a Igreja, desde muito cedo, interditou-as e proibiu que os seus principais responsáveis a elas recorressem, mesmo que em segredo, e fossem os primeiros a delas tirar partido.

A bula *Spondent, quas non Exhibent*, publicada pelo Papa João XXII em Avinhão, em 1317, censurando e reprovando tudo quanto devia ser tido como falso crime, é um repositório completo das razões por que a alquimia devia ser proibida e erradicada, deixando aos tribunais inquisitórios a missão de agir em conformidade.

**Bibliog.:** **manuscrita:** Biblioteca Nacional de Madrid, ms. 6213, Bernardo Estrucio, *Contra Alchimistas*, c. 1404, fl. 18; Bibliothèque Nationale de Paris, ms. lat 3171, Nicolas Eymereich, *Contra Alchimistas*, 1376, fl. 50; British Library, ms. royal sig. 7-E-X, E. Friedberg, *Corpus Juris Canonici*, II, 1879, fl. 47v. **impresa:** ABREU, Anselmo Caetano Munhoz, *Ennoea ou Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal*, vols. 1-2, Lisboa, Officina Mauricio Vicente de Almeida, 1732-33; AMORIM-COSTA, António Marinho, *Alquimia, Um Discurso Religioso*, Lisboa, Vega, 1999; ELIADE, Mircea, *Forgerons et Alchimistes*, Paris, Flammarion, 1956; FEIJOO, Benito Jerónimo, *Theatro Critico Universal*, Oviedo, Colegio S. Vicente, 1726; HOLMYARD, Eric John, *Alchemy*, Middlesex, Penguin Books, 1957; HUTIN, Serge, *A Alquimia*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.; KIRCHER, Athanasius, *Mundus Subterraneus*, Amsterdam, apud Joannem Janssonium à Waesberge & filios, 1664; READ, John, *Prelude to Chemistry*, London, George Bell & Sons Ltd., 1936.

ANTÓNIO M. AMORIM DA COSTA

